

# Empresários temem transição

**SÃO PAULO** — Quem está sonhando com o fim do mar de incertezas — marca registrada do arrastado 1989 — tão logo seja conhecido o novo presidente da República, corre o risco de brindar o Ano Novo com mais uma dose de decepção. O amargo veredicto resulta das avaliações de diversos setores da classe empresarial, que, embora sejam discordantes quanto aos prováveis cenários econômicos e políticos, não deixam dúvida sobre a escalada de incertezas como pano de fundo para o período que anteceder a posse do novo presidente.

Para o presidente da Metal Leve, empresa que lidera o mercado de pistões, José Mindlin, os problemas da economia brasileira são sérios demais para esperar pelo novo presidente. “A pessoa e os direitos do atual presidente têm que ser respeitados, mas seria um gesto de grandeza a antecipação da posse ou o trabalho conjunto entre as equipes”, sugere ele. Otimista, Mindlin considera que o trabalho realizado pelos ministros da Fazenda e do Planejamento “é quase um milagre”, e acredita que, se continuarem trabalhando sozinhos até 15 de março, a economia não se descontrolará. “A questão é que a união dos problemas econômicos com os problemas psicológicos aumenta os riscos”.

Mindlin ressalta que no período de transição é preciso analisar pressões do tipo de uma máxidesvalorização cambial. “Há uma defasagem cambial, mas qualquer desvalorização da moeda sem medidas globais, como congelamento de gastos, preços e salários, pode detonar a hiperinflação”, alerta. Quanto ao possível crescimento na fuga de capitais, Mindlin garante que ela já não é e nem será realizada por agentes do setor produtivo da economia. “O país não acaba, não”.

**Respeito** — Para o presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base (Abdib), Teófilo Orth,

tudo dependerá do trabalho conjunto entre a atual e a nova equipe do governo. “Também contamos com a colaboração do Congresso, no sentido de não criar despesas com emendas orçamentárias ou acréscimos salariais”, afirma ele. Através de um trabalho conjunto, Orth aposta que é possível chegar em março com uma inflação em torno de 45%.

Há empresários, no entanto, que não querem ouvir falar de antecipação da posse. “Não integro o time dos catastrofistas. Acho que a inflação vai estabilizar-se, porque há uma legislação a ser cumprida”, insiste o presidente da Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman. Szajman ressalta que o momento econômico é de estabilidade e que não há motivos para se a hiperinflação.

Embora tenha se desesperado num primeiro momento, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, concorda com Szajman quanto à provável tranquilidade econômica do período de transição. Mas Amato já deixou claro que, caso seja a vontade do atual presidente, vê com bons olhos a antecipação da posse. “Mesmo que isso não aconteça, a manutenção da política de *feijão com arroz* garantirá a normalidade”, afirma ele, que já declarou seu apoio à permanência de Mailson como ministro da Fazenda do próximo governo.

**Cabeça fria** — O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky, analisa o período de transição com menos otimismo. Para ele, a continuidade da política econômica será insuficiente para evitar um quadro de muita expectativa e rico em especulações. “Mas é uma felicidade o Mailson e seu bom senso existirem”, elogia Cherkassky, que considera a máxidesvalorização uma medida inevitável, “mas que só ocorrerá no próximo governo”.